

Apocalípticos e interesseiros

ESTADO DE SÃO PAULO

30 SET 1990

Quando Fernando Collor de Mello assumiu a Presidência da República, eles fizeram pouco de seu empenho em combater o processo inflacionário que debilitava — tornando quase exangue — o organismo já frágil da economia brasileira. Como o presidente jamais deu o mínimo sinal de que poderia fraquejar em seu combate sem tréguas à corrosão do valor da moeda, passaram a duvidar da eficácia desse combate e a prever o ingresso do País na calamitosa situação hiperinflacionária. Alguns, mais radicais, chegaram a falar no monstro da hiperestagflação.

O governo federal contudo tomou medidas drásticas, muitas delas impopulares, e terminou por reduzir a taxa inflacionária de índices assombrosos, nas perigosas proximidades dos 100% ao mês, para porcentuais razoáveis, quase dez vezes inferiores aos números herdados da administração Sarney. As profecias negativas não foram confirmadas pela realidade, mas os profetas do óbvio não desistiram. Eles jamais desistem. Consultaram seus manuais de receita e informaram a seu distinto público que já que a hiperestagflação não bateu à porta não havia como evitar a re-

cessão. Mas 1990 está chegando ao fim e não há nenhum sinal no horizonte de que a economia esteja paralisada ou por se paralisar.

Eles são os economistas, nova espécie de oráculo ganham a vida prevendo o sofrimento alheio para tirar proveito próprio. Eles nunca se fazem de rogado e não existe fato capaz de destruir qualquer um de seus argumentos. Já que a recessão não veio em 1990, eles voltam a garantir, todos devem ficar certos de que não perdem por esperar: ela virá no primeiro trimestre de 1991. Enquanto o primeiro trimestre de 1991 não vier, não há quem seja capaz de desmentir estatísticas, números e índices técnicos anunciando a proximidade do fantasma recessivo que ronda o lar de cada cidadão recrutado para o esforço de construir a economia nacional.

Quando o primeiro trimestre de 1991 chegar poderá ocorrer uma das duas hipóteses: na pior delas, a recessão chegará, desembocará nos lares brasileiros e tornará mais complicada a difícil operação da atividade econômica. Nesse caso, os economistas comemorarão seu grande tirocínio, sua grande capacidade de avisar à sociedade previamente da chega-

da da desgraça. Mas há outra hipótese, é lógico, a melhor, justamente aquela que atende aos interesses da maioria. Se essa segunda hipótese prevalecer, a atividade econômica manterá seu nível normal, o País continuará enfrentando a inflação sem afundar no poço sem fundo de uma crise de consequências impensáveis. Também nesse caso os economistas não sairão perdendo, pois farão de novo as contas e certamente chegarão à conclusão de que o processo recessivo, ou alguma tragédia semelhante, apenas foi adiado para o segundo, o terceiro ou o quarto trimestre de 1991.

Esse tipo de comportamento poderia até ser aceitável se o processo mental apocalíptico dos acadêmicos de economia, alguns deles empoleirados nos altos postos da burocracia estatal, fosse mera distorção de comportamento, capaz de ser corrigida com o recurso a algum terapeuta competente. Infelizmente, contudo, o afã profético e catastrófico desses senhores feudais do saber econômico nas universidades brasileiras não é um desvio psicológico, mas muito pelo contrário confortável e lucrativo meio de ganhar a vida sem ter de executar tarefa alguma mais penosa.

Como os políticos clientelistas, os economistas de oposição — uma categoria profissional em plena expansão no Brasil em crise — vivem das pequenas coisas, ou seja, ganham o pão de cada dia oferecendo dificuldades para prover sua clientela apavorada de facilidades. A receita do sucesso profissional deles é até simples: prevêem dificuldades econômicas porque assim melhora o mercado de um produto sob sua reserva de mercado profissional, isto é, os meios de sair delas.

Isso não seria tão grave se a economia brasileira não fosse um organismo frágil e sujeita à ação de elementos negativos como a desconfiança. Por enquanto, o governo tem combatido essa fragilidade com uma política de austeridade inflexível. Mas é muito difícil prever até quando isso permanecerá e qual será o dia em que as próprias profecias nefandas dos economistas acabem por ajudar a produzir as desgraças por eles previstas e que são seu principal meio de subsistência.

Ao oferecer seus serviços, esses profetas apocalípticos prestam um grande desserviço à sociedade, até mesmo àquela parcela que os sustenta.